

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS PARA MENSURAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL

LIMA, Alessandra Gomes Duarte¹

SANTOS, Moacir José dos²

CARNIELLO, Monica Franchi²

RESUMO

Este trabalho analisa, sob a perspectiva comparativa, diferentes instrumentos de coleta de dados utilizados para mensurar o capital social, definido como uma rede de relações entre indivíduos para o alcance de objetivos comuns. A pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratória, aponta particularidades contidas nos instrumentos que podem ser adaptadas em função dos objetivos da pesquisa, mas que possuem dimensões comuns que dizem respeito à base conceitual do capital social.

¹ Mestra em Gestão e desenvolvimento Regional, professora do Centro Universitário UnirG. E-mail alesaulo96@hotmail.com

² Professores doutores do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional - Universidade de Taubaté-SP.

Palavras-chave: Capital social. Instrumento de coleta de dados. Mensuração.

DATA COLLECTION INSTRUMENTS TO MEASURE SOCIAL CAPITAL

ABSTRACT

This investigation analyses under a comparison perspective, different instruments to collect data used to measure the social capital, defined herein as a network of relationships among individuals in order to attain common goals. This research using a qualitative and exploratory approach, points to some particularities within the instruments which may be adapted as a function of the goals of the study, but that possess common dimensions regarding the fundamental base of social capital.

Keywords: Social Capital. Instruments to collect data. Measurement.

INTRODUÇÃO

O tema capital social é relativamente novo no contexto acadêmico e apesar de seus estudos provocarem controvérsias, vem ganhando espaço entre pesquisadores de todo o mundo ligados à sociologia, ciência política, desenvolvimento econômico, educação, entre outros, ao mesmo tempo em que suscita a atenção de instituições nacionais e internacionais a exemplo da ONU, partidos políticos, governos e organizações do terceiro setor.

Tão ampla e diversificada aplicação da noção de capital social em diferentes áreas procede da gama de significados que podem ser trabalhados sob o seu rótulo. Capital social está relacionado a práticas, valores e formatos sociais diversos que podem advir tanto de redes sociais e participação em organizações civis quanto da própria estrutura familiar, e envolve a existência de confiança, normas de reciprocidade e cultura cívica. O que há de comum entre todas as possíveis aplicações do conceito, é a certeza de que as relações sociais possuem valor por si próprias e não podem ser descartadas. (LEÃO, 2011).

Na verdade, parece tratar-se de uma roupagem nova para antigas inquietações do ser humano, pois, de acordo com Marteleto e Silva (2004, p.45), há “[...] evidências de que o capital social pode ser usado para promover a redução da pobreza, o desenvolvimento e o bem-estar social, o que aproximaria os interesses da sociologia e da economia nesse campo”.

Para Matos (2009), é preciso considerar as interfaces entre o capital social, a sociabilidade, a prática associativa, as normas, os valores, de modo a construir um modelo explicativo de diversos fenômenos comunicativos, sociais e políticos e é o que autores das mais distintas áreas do conhecimento têm buscado fazer, especialmente nos últimos vinte anos.

Nesse contexto, o presente estudo analisa diferentes instrumentos de coleta de dados sob uma perspectiva comparativa.

ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE CAPITAL SOCIAL

A incorporação dos conceitos relativos à experiência cultural nas teorias econômicas ocorreu de maneira gradual, tornando-se mais explícita em um período histórico

recente. Essa relação pode ser percebida na própria definição do termo capital, que, sujeito à historicidade, adquire delineamentos que revelam a incorporação do aspecto social em seu conceito. Uma primeira definição se refere ao capital tal qual definido por Marx (1998), que o associa à geração de mais-valia, excedente de trabalho que resulta no acúmulo de recursos.

Segundo Dallabrida (2011), as teorias econômicas clássicas já dialogavam com a perspectiva cultural, no entanto de maneira tangencial. Em Adam Smith, o meio sociocultural era considerado uma variável exógena determinando o comportamento das variáveis econômicas. Já, para Marx, o processo social determinava-se pela motivação econômica. São relações indiretas entre economia, cultura e desenvolvimento (DALLABRIDA, 2011).

Essa relação se delineia melhor com a incorporação da questão humana como valor, como ocorre no termo capital humano, que consiste na soma das habilidades e conhecimentos dos indivíduos. (D'ARAÚJO, 2010).

Verifica-se a aceitação definitiva da questão social como valor no

conceito de capital social, que ganha espaço de forma mais evidente no meio acadêmico a partir da década de 1980, quando Bourdieu (1980) publica um artigo sobre o tema e, dessa maneira, fomenta as pesquisas sobre o assunto, apesar de o termo aparecer em estudos anteriores de outros autores (MATOS, 2009). Para Bourdieu (1980), capital social implica a existência e manutenção de uma rede durável de relações, por meio da qual as pessoas atingem objetivos que seriam inatingíveis individualmente. Essas redes de relações podem ser mais ou menos institucionalizadas e implicam conhecimento ou reconhecimento mútuo. Bourdieu (1980) não nega os interesses individuais como fatores de motivação para a constituição de redes, o que pode ser um mecanismo para reforçar a estrutura social existente.

Fukuyama (2001, p.6) apresenta uma perspectiva mais determinista ao afirmar que o capital social “[...] não pode ser tão facilmente criado ou formatado por políticas públicas” [tradução dos autores], visão que conflita com a de Durston (1999), que defende que o capital social pode ser criado a partir da existência de instituições suficientemente fortes que

demonstram possibilidades de soluções e comportamentos diferentes dos convencionais para o grupo considerado. Fukuyama (2001, p.7) define capital social como uma “[...] norma que promove cooperação entre dois ou mais indivíduos” [tradução dos autores].

Ostrom (2000) verificou a existência de disposição à cooperação em grupos sociais a partir de estudos empíricos. A autora destaca a cooperação como uma maneira de as sociedades buscarem soluções conjuntas, em busca da ação coletiva. Para tal, é necessária a existência de normas.

De acordo com Sabourin (2010, p. 145), “A ação coletiva depende da capacidade de elaboração e adaptação de regras comuns, cuja institucionalização dentro de um grupo constitui uma incitação à cooperação e ao compartilhamento”. Além disso, para que haja o alcance dos interesses comuns, é necessária a reciprocidade, elemento ligado à ideia de cooperação.

Tocqueville (apud MELIN, 2007) também observou a existência de formas de cooperação em estudos com norte-americanos, aspecto por ele

observado como fundamental para o sistema democrático.

Os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos, estão constantemente a se unir. Não só possuem associações comerciais e industriais, nas quais todos tomam parte, como ainda existem mil outras espécies: religiosas, morais, graves, fúteis, muito gerais e muito particulares, imensas e muito pequenas; os americanos associam-se para dar festas, fundar seminários, construir hotéis, edificar igrejas, distribuir livros, enviar missionários aos antípodas; assim também, criam hospitais, prisões, escolas. (TOCQUEVILLE apud MELIM, 2007, p.53).

Ainda que sem utilizar o termo capital social, Tocqueville destacou a cooperação como um elemento relevante para o alcance de determinados objetivos. Já Coleman (apud HIGGINS, 2005) define capital social como os recursos de uma estrutura social que permitem que os indivíduos atinjam seus objetivos. Coleman foi um dos pioneiros em propor um método de mensuração de capital social de abordagem quantitativa, destacando três características que constituem o capital social: “[...] as obrigações e expectativas que ajudam a estruturar a confiança entre os membros da rede; a capacidade da estrutura social para gerar e colocar em funcionamento os fluxos de informação; e as normas que

regem o processo". (apud MATOS, 2009, p.36),

Para Putnam (1996), capital social é considerado como a fonte de onde surgem as interações cooperativas, que são expressas em distintas formas de associação da comunidade cívica. Este autor focou seus estudos na Itália e encontrou no capital social a variável que diferenciava os estágios de desenvolvimento entre as regiões Norte e Sul. Posteriormente, no final do século XX, realizou estudos na América do Norte identificando, no entanto, um decréscimo no capital social em relação à primeira metade do século.

Observa-se a amplitude dos estudos de capital social nos estudos de Burt (1992), que desloca o conceito para as redes de relações entre empresas.

Neste artigo toma-se como premissa a possibilidade de fomento de desenvolvimento de capital social e, para tal, faz-se necessário diagnosticá-lo para, assim, traçar estratégias de desenvolvimento. Os autores compartilham a perspectiva de Ostrom (2000), que afirma haver existência de disposição à cooperação em grupos sociais a partir de seus estudos

empíricos. Para fundamentar metodologicamente estudos de campo para diagnóstico de capital social, este artigo propõe a discussão metodológica dos instrumentos de mensuração.

Os estudos sobre capital social são fundamentais para a área de estudos de desenvolvimento regional, conforme pontua Bandeira (1999, p.26).

Parece claro que a participação, à medida que possa contribuir para a acumulação de capital social e para a articulação dos atores sociais regionais, facilitando a formação de consensos básicos relevantes para o desenvolvimento, contribuirá também para reforçar as bases da competitividade sistêmica de uma região.

Compreender as formas de mensuração de capital social faz-se pertinente para fomentar os estudos nesse campo.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, tendo como base um levantamento bibliográfico e documental. Foram considerados os instrumentos elaborados pelas seguintes instituições e/ou pesquisadores: Banco Mundial, New

South Wales Study, World Values Survey, Núcleo de Estudos Populacionais da Unicamp – Nepo e Putnam.

RESULTADOS

Os instrumentos para mensuração de capital social são variados. Verifica-se a necessidade de adaptação ou mesmo elaboração dos instrumentos em função das

características dos grupos estudados. O Quadro 1 sistematiza cinco instrumentos de coleta de dados propostos por instituições de pesquisa distintas, comparadas quanto à sua estrutura. Para tal, foram considerados os seguintes aspectos: dimensão, que consiste na organização temática dos assuntos abordados nos instrumentos; quantidade de questões; tipos de questões formuladas.

Comparativo entre instrumentos de coleta de dados para mensuração de capital social					
	Banco Mundial	New South Wales Study	World Values Survey	Nepo	Putnam
Dimensões	Grupos e redes Confiança e solidariedade Ação coletiva e cooperação Informação e comunicação Coesão e inclusão social Autoridade e ação política	Não consta divisão precisa entre dimensões, apenas há uma divisão das questões de dados demográficos para caracterização da amostra e as específicas sobre capital social	Não faz divisão das dimensões	Faz a divisão entre o quadro sociodemográfico e relações sociais, que se subdivide relações pessoais, familiares, amigos e vizinhos, poder público.	Divide o questionário em seis dimensões: Identificação de grupos; confiança; confiança em instituições; empréstimos; redes; ações cívicas e dados demográficos
Número de questões	95	50	258	43	16
Tipos de questões	Múltipla escolha Dicotômicas Escala de concordância Abertas	Escala de quatro graus Múltipla escolha	Escala de satisfação Múltipla escolha Dicotômicas	Múltipla escolha Dicotômicas Abertas	Abertas Múltipla escolha Escala Likert

Quadro 1 - Comparativo entre instrumentos de coleta de dados

Fonte: Elaboração dos autores, 2011

DISCUSSÃO

Verifica-se que o capital social está na estrutura das relações entre os

indivíduos, e não nos indivíduos em si, apesar do esforço individual necessário para a construção das

redes de relações que baseiam o conceito. Fundamenta-se na maneira como as relações entre os membros do grupo se estabelecem, se estão pautadas na cooperação, confiança, segurança e reciprocidade. Higgins (2005, p.23) diz que “o capital social foi incorporado como o quinto fator de produção junto aos três fatores tradicionais, terra, trabalho, e capital físico (ferramentas e tecnologia), somados ao capital humano (educação e saúde)”.

O conceito de capital social, conforme conceitos apresentados, permeia um escopo amplo de aplicações e estabelece interface com distintas áreas do conhecimento. Tal situação se reflete na multiplicidade de enfoques apresentados nos instrumentos de coleta de dados analisados. Observa-se a adequação dos instrumentos para situações distintas. Ainda assim, um aspecto homogêneo é a abordagem quantitativa dos instrumentos. No entanto, cabe ressaltar que existem pesquisas sobre capital social que optaram pela abordagem qualitativa, mas esses casos se aplicam para amostras reduzidas e com especificidades. Parece ser consensual que a abordagem

quantitativa seja pertinente para avaliar o capital social na maioria dos casos, enquadrando-se outras situações em exceção ou como método complementar.

Dentre os instrumentos analisados, a especificidade de uma área do conhecimento se apresenta no formulário proposto pelo Nepo, que enfatiza a identificação das características demográficas da população estudada, nitidamente para estabelecer uma relação entre características demográficas e formação e/ou acúmulo de capital social.

Outra particularidade se aplica ao formulário proposto pelo Banco Mundial. Caracterizado pelo grande número de questões e, portanto, por aprofundado detalhamento, o formulário busca compreender as redes formais e informais de relações, conforme conceito de Bourdieu (1980).

A propositura de Putnam, por sua vez, foi realizada em um contexto histórico específico, e demanda atualização e/ou inclusão de algumas variáveis contemporâneas que incidem sobre a formação de capital social. Putnam, ao aplicar sua pesquisa nos Estados Unidos na década de 1980, atribui parcialmente o baixo capital

social à televisão. Com a alteração do cenário midiático para a comunicação digital estruturada em rede, essa situação se altera e são conduzidos estudos que inclusive consideram as redes sociais como canais de comunicações que podem potencializar a formação de capital social (RECUERO, 2009).

O formulário utilizado por New South Wales Studies enfatiza os núcleos familiar e profissional para compreender os elos de confiança e cooperação, minimizando outras dimensões que aparecem com maior destaque na proposta do Banco Mundial, por exemplo.

Os conceitos apresentados demonstram uma perspectiva interdisciplinar, a partir da ótica de distintos campos das ciências sociais o que, por um lado, favorece a

disseminação do conceito e, por outro, gera discussão sobre os métodos e técnicas necessários para aferir o nível de capital social de um grupo. Essa situação gerou uma multiplicidade metodológica para mensuração de capital social, como apresentado no Quadro 1.

CONCLUSÃO

Verificou-se que os instrumentos apresentam particularidades que são adaptadas em função dos objetivos da pesquisa, mas que possuem algumas dimensões comuns que dizem respeito à base conceitual do capital social, abrangendo necessariamente a formação de redes de relacionamento e confiança, elementos presentes nos instrumentos analisados.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. *Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional*. Texto para discussão nº 630. Brasília: IPEA, 1999.

BOURDIEU, P. *Le capital social: notes provisoires*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. n.31, p. 2-3, 1980. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069> Acesso em: 07 jun. 2011.

BURT, Roland. *Structural holes: the social structure of competition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

DALLABRIDA, V.R. *Economia, Cultura e Desenvolvimento: uma primeira aproximação sobre as origens teóricas da abordagem do tema*. Revista Brasileira de Rev. Cereus, v. 5, n. 1, p. 89-98, abril/2013, UnirG, Gurupi, TO, Brasil.

Gestão e Desenvolvimento Regional. V.7, n;2, mai-ago 2011, p. 282-299. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/432/249>> Acesso em: 11 jun. 2011.

D'ARAÚJO, M. C. *Capital Social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

DURSTON, J. Construyendo capital social comunitário. *Revista de La CEPAL*, n.69. Dezembro, 1999.

FUKUYAMA, F. *Social capital, civil society and Development*. Third World Quarterly. Vol 22, No 1, pp 7– 20, 2001. Disponível em: <<http://intranet.catie.ac.cr/intranet/posgrado/Met%20Cual%20Inv%20accion/2008/Se mana%206/Fukuyama.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2011.

GROOTAERT et al. *Questionário Integrado para Medir Capital Social*. Grupo Temático sobre Capital Social. Banco Mundial, 2003. Disponível em: <<http://www.contentdigital.com.br/textos/comunidades/Questionario%20Integrado%20para%20medir%20Capital%20Social%20Banco%20Mundial.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

HIGGINS, S. S. *Fundamentos teóricos do Capital Social*. Chapecó: Argos, 2005.

LEÃO, L. T. S. *Redes Sociais e Associações: uma análise do conceito de capital social*. Disponível em: <http://www.unisuam.edu.br/augustus/pdf/ed26/artigos/rev_augustus_ed_26_02.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2011.

MARTELETO R. M.; SILVA, A. B. O. *Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local*. Ci. Inf. Brasília. v. 33, n 3, p. 41-49, 2004.

MARX, K. *O Capital*. 16. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MATOS, H. *Capital Social e Comunicação: Interfaces e Articulações*. São Paulo: Summus, 2009.

MELIM, J. M. *A Formação de Capital Social entre os Empresários de Micro e Pequenas Empresas: A Experiência dos Núcleos Setoriais do "Empreender"*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/7ff4db7574e364c803256ebc004ad8c/289779aba76f13b38325732800712c73/\\$FILE/Tese%20%20Jos%C3%A9%20Melia%20Melim.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/7ff4db7574e364c803256ebc004ad8c/289779aba76f13b38325732800712c73/$FILE/Tese%20%20Jos%C3%A9%20Melia%20Melim.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2011.

MELO, J.M. de. *Gêneros da comunicação de massa*. Material inédito. Slides. 2010. (citar a Fonte).

NEW SOUTH WALES STUDY. *Measuring Social Capital in Five Communities in NSW*. 1998. Disponível em: <<http://www.mapl.com.au/pdf/scquest.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2011.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO. *Questionário de Capital Social*. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: http://www.nucleoepop.unicamp.br/revista/revista_cereus/v5n1/p89-98. Rev. Cereus, v. 5, n. 1, p. 89-98, abril/2013, UnirG, Gurupi, TO, Brasil.

<cendoc.nepo.unicamp.br/iah/.../Questionário%20Capital%20Social1.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2011.

OSTROM, E. *Collective Action and the Evolution of Social Norms*. The Journal of Economic Perspectives, Vol. 14, No. 3., 2000, pp. 137-158. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0895-3309%28200022%2914%3A3%3C137%3ACAATEO%3E2.0.CO%3B2-V>>. Acesso em: 07 jun. 2011.

PUTNAM, R. D. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SABOURIN, E. *Manejo dos Recursos Comuns e Reciprocidade: os Aportes de Elinor Ostrom ao Debate*. Sustentabilidade em Debate. 2010. Disponível em: <http://www.red.unb.br/index.php/sust/article/viewFile/1689/1311> Acesso em: 04 jan. 2011.

WORLD VALUES SURVEY. *WVS 2005-2006 Wave, OECD-Split Version*. Disponível em: <<http://www.worldvaluessurvey.org>> Acesso em: 04 jan. 2011.

Recebido em: 20 fev. 2012
Aprovado em: 18 abr. 2013